

**ARCHIBALD, Elizabeth; BROCKLISS, William;
GNOZA, Jonathan (Org.). *Learning Latin and Greek From
Antiquity to the Present. Yale Classical Studies 37. Cambridge,
UK: Cambridge University Press, 2015. 248p.
ISBN 978-1107051645***

Eduardo da Silva de Freitas*

Recebido em 12/06/2018
Aprovado em 31/07/2018

* Professor
Adjunto de Língua
e Literatura Latina,
Departamento de
Letras Clássicas
e Orientais,
Universidade
do Estado do
Rio de Janeiro.
eduardosfreitas@
gmail.com



Há mais ou menos vinte anos o debate sobre o ensino de língua latina no Brasil entrava em uma nova etapa. A publicação de *Uma Estranha Língua*, de Alceu Dias Lima, em 1995, apresentava um modo de reflexão sobre o ensino de latim que se espalhou em artigos, dissertações e teses que apareceram desde então. Seguem essa linha a dissertação de Charlene Martins Miotti, a tese de José Amarante Santos Sobrinho, alguns artigos de Samanta de Moura Maranhão, Fábio Fortes e Patrícia Prata, Leni Ribeiro Leite e Marilhá Barbosa e Castro: trabalhos que refletem sobre os conteúdos, os métodos, os materiais e a história do ensino do latim no Brasil.

Considerando este panorama, o livro *Learning Latin and Greek From Antiquity to the Present*, organizado por Elizabeth Archibald, William Brockliss e Jonathan Gnoza pode fornecer subsídios importantes para as discussões desenvolvidas no país sobre esses assuntos. Publicado em 2015 pela Universidade de Cambridge, a obra traz 14 textos que tratam do ensino de latim e do grego em diferentes períodos e culturas. Entre a introdução e o epílogo, dispõem-se 12 textos organizados em perspectiva cronológica, mas que abordam culturas e lugares tão diversos quanto o Egito romano e a Inglaterra do século XX, passando pela Itália renascentista, o México recém-colonizado pelos espanhóis, a Rússia czarista, a França e os Estados Unidos modernos. Não é tanto um livro de discussão metodológica, mas de apresentação da história do ensino das línguas clássicas.

A natureza variada dos capítulos, contudo, pode ser mais ou menos unificada pela consideração de certos temas, observações e



pressupostos que se ligam ao debate brasileiro. Começando-se pela observação dos fatores exógenos que pressionam o ensino de línguas clássicas, destaque-se que boa parte dos textos registra que a política, não raro, teve muita importância no ensino dessas línguas. Já pelo texto “*Papyri and efforts by adults in Egyptian villages to write Greek*”, de Ann Ellis Hanson, vê-se que saber escrever o próprio nome em grego poderia dar acesso a posições na burocracia do Egito romano. Em “*The teaching of Latin to the native nobility in Mexico in the mid-1500s: contexts, methods, and results*”, Andrew Laird sustenta que os colégios franciscanos abertos no México do século XVI intentavam “*to create a gubernatorial class imbued with Christian humanist principles*” (p. 122) entre a nobreza nativa.

Victor Bers, em “*Ut consecutivum under the Czars and under the Bolsheviks*”, Kenneth J. Kitchell, em “*‘Solitary perfection?’ The past, present, and future of elitism in Latin education*”, Françoise Waquet, em “*Latin for girls: the French debate*” e Bob Lister, em “*Exclusively for everyone – to what extent has the Cambridge Latin Course widened access to Latin?*”, relacionam a manutenção de turmas de latim e grego nos níveis inferiores do ensino na Rússia, nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, ao fato de o conhecimento dessas línguas ser requisito para acessar certas carreiras universitárias. Turmas que foram drasticamente esvaziadas tão logo as línguas clássicas deixaram de ser condição para o acesso à universidade.

Nestes textos, aliás, merece destaque a relação frequentemente estabelecida entre as línguas clássicas e inclinações elitistas. Em boa medida, esta associação fundava-se no fato de que elas formavam uma barreira para a entrada nas carreiras universitárias mais prestigiosas. O texto de Fiona Cox, “*Latin for girls: the French debate*”, e o já citado de Kenneth J. Kitchell Jr. mostram que este elitismo foi frequentemente bem acolhido. Inclusive grupos historicamente impedidos de aprender esses idiomas foram tocados por esse sentimento ao estudá-los

Quanto aos fatores endógenos do ensino, é unânime a convicção de que o método de ensino de latim e grego difundido a partir do século XVIII tem se mostrado inadequado. Nos capítulos em que o ensino de latim é tema central, como o de Kenneth J. Kitchell, Jr. e de Bob Lister, acumulam-se testemunhos diretos e indiretos sobre as frustrações dos alunos expostos à metodologia baseada na memorização da gramática e na imposição da leitura de textos canônicos, sem atenção aos desejos dos alunos e à complexidade de algumas obras.

Victor Bers, Kenneth J. Kitchell Jr. e Bob Lister indicam que a Rússia e os Estados Unidos do oitocentos, assim como a Inglaterra do pós II Guerra Mundial, submetiam seus alunos de latim a um ensino desgastante, sob a alegação de que o aluno adquiria “*mental discipline and academic rigour*” (p. 185). Eleanor Dickey, no capítulo “*Teaching Latin to Greek speakers in antiquity*”, é mordaz ao afirmar não haver evidências de que, na Grécia submetida ao Império Romano, os estudantes de latim traduzissem frases individuais, escandissem ou lessem segundo a métrica, nem de que fizessem comentários gramaticais de sentença.

O livro traz ainda um relevante apanhado histórico das finalidades, dos métodos e dos materiais de ensino das línguas clássicas. Assim, enquanto o capítulo “*Servius’ Greek lessons*” de Felix Racine mostra que Sêrvio recorria ao grego apenas para abonar suas opiniões sobre os usos do latim, o “*Pelagian fountains: learning Greek in the early Middle Ages*”, de Michael

Herren, recupera os esforços dos poucos religiosos medievais que estudavam grego para ler o *Novo Testamento* no original.

Eleanor Dickey aponta que listas de vocabulário, textos transliterados do latim para o grego, leituras facilitadas e excertos bilíngues eram os materiais de estudos dos habitantes da parte grega do Império Romano dedicados a aprender latim. Glossários foram um instrumento para a aprendizagem do grego na Irlanda dos séculos VII e IX. Segundo Michael Herren, ali, circulavam traduções dos *Salmos* e do *Novo Testamento*, com o latim incrustado no texto grego.

Jay Fisher, no capítulo “*Out of the mouth of babes and Englishmen: the invention of the vernacular grammar in Anglo-Saxon England*”, trata das *Excerptiones de arte grammatica anglice*, de Aelfric, de fins do século X. Escrita em inglês antigo, esta gramática latina inovou ao incorporar a tradição gramatical latina num vernáculo. Seu estilo era mais simples e adequado ao público jovem. Por sua vez, Robert Black, em “*First steps in Latin: the teaching of reading and writing in Renaissance Italy*”, descreve o currículo na Itália renascentista, onde se aprendia a ler com textos em latim, especialmente os *Salmos*, reservando-se para as etapas finais da educação o conteúdo mais gramatical. Além desses, o texto de Bob Lister trata do *Cambridge Latin Course*, que atingiu nas décadas finais do século XX muitos estudantes, com um formato baseado em textos, imagens e áudios, servindo-se, desde os anos 2000, das mídias digitais.

O livro apresenta ideias que podem colaborar para o debate feito no Brasil sobre o ensino de línguas clássicas. Um deles talvez seja a inclusão do grego nas discussões. Por outro lado, embora estejam bem localizados os problemas do ensino de latim no país, talvez seja o momento de aprofundar temas mais sensíveis, como a investigação dos componentes ideológicos que têm impactado a difusão das línguas clássicas entre nós, a formação docente, a identificação dos interesses dos alunos, o desenvolvimento de material didático para quem não quer ser professor desses idiomas, entre outros. Nisso, parece que a leitura do *Learning Latin and Greek from Antiquity to the Present* pode ser bastante proveitosa.